O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

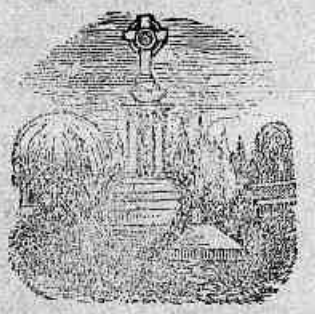
ANNO XII — NUMERO 324

Domingo 11 | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta Typ. a 1$000 réis por uma serie de 4 numeros* | SERIE 72.ª

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 51-2124

O MEIRINHO.

Fortaleza, 11 de Maio de 1884.



PASSAMENTO.

A morte sempre impiedosa e cruel, acaba de fazer se cobrir de luto mais uma familia.

No dia 8 do corrente, cahio ao golpe certeiro da inexoravel Parca a Ex.ª Sr. D. Anna Josefina de Castro Menezes, extremosa mãe e sogra dos nossos presados amigos Herculano de Castro Menezes, Alfredo de Castro Menezes, Olegario Antonio dos Santos e João N. Siqueira Souto.

Era uma senhora ornada de bellas e excellentes virtudes, uma mãe carinhosa e terna, uma alma verdadeiramente christa.

O seu passamento deixa mergulhada na mais justa e profunda dôr a uma familia, que a tinha na mais elevada estima e da qual era digna e merecedôra.

Enviando nossas condolencias a Exm.ª familia da finada e particularmente aos nossos amigos, rogamos a Deus pelo descanço de sua alma bem formada.

Repouso eterno, dai-lhe Senhor.

ROBERTO CARNEIRO.

A pedra de um tumulo cobre mais um cadaver de moço

Roberto Carneiro, o joven que ainda ha pouco viamos tão cheio de vida e prazer, fruindo os carinhos da familia e cercado de amigos, que o estimavam, já não existe!.. .

Triste realidade!.... Infeliz certeza!....

Elle, que era a esperança de sua familia, que já tinha posto em si o seu futuro, não é hoje mais do que um cadaver, sobre o qual viemos desfolhar um goivo, uma saudade.

Condoidos por tão prematuro passamento, damos a Exm.ª familia do joven morto, e particularmente aos nossos amigos Antonio Carneiro de Souza Azevedo e Pedro Carneiro, os nossos sentidos pezames.

ALBUM DA CRITICA.

RISCOS E TRISCOS

Ridendo dicere quid verum vitat?

Meus bens leitores!

Sou todo comprimento para estas creaturinhas amaveis e apreciaveis; e muito principalmente para aquellas que são pontuaes em suas assignaturas, porque isto de *fiado* é lá com os *Querôes* ou com o *frade*.

Como da outra—estou aqui e estou *trovejando o verbo* por cima dos bons *amigos*.

Em vista d'isto —lá vae *obra, mêcha* e *canudo*.

§

Como ia dizendo: vamos mal e muito mal de assignaturas do *Meirinho*.

É verdade que temos assignantes muito bons, pontuaes, etc. e taes; porém temos outros que, *bemzam os Deus*, nem para a *forca* servem.

Isto não é querer fallar mal... Não! *mais porém*, como lá diz o outro,—é dizer a verdade.

A Bibliotheca Nacional

Os leitores queiram desculpar a minha *franculinidade* : á quem servir a *barretina* que a ponha na cabeça.

Dito.

§

Seguindo mesmo aqui *sub lo brando*, volto á nossa limpeza publica, que continúa desgraçadamente *desgraçada*.

As ruas, estão immundas, as coxias cheias de gramma e o Sr *Garrafão* — nem *poeira*, apezas das *amabilidades* que ha levado pelas *ventas*.

Não quero chamal-o de *relaxado*! Qual !. . . nem isto me passa pela boa mente, e mesmo respeito muito a *Sua Safadeza* ; porém é só o que parece

Mestre *Garrafão*, dê p'ra gente.

§

Passemos adiante:

Lê-se no *zabumba* ou *Cearense* de hontem :

« CONTRACTO.—Foi approvado o « contracto de locação de uma casa pa- « ra servir de deposito dos utensilios « dos escaleres da policia, celebrado « entre o Dr. chefe de policia e o res- « pectivo proprietario, Quintino Ade- « raldo Maia, a razão de 15:000 men- « saes. »

Até que emfim *choveu no roçado* do Sr. Quintino !

Que casa é esta ? Será aquella *arapuca* da praia ? ! . . .

É. . . . não é outra.

É muito cynismo !

§

O *zabumba* do Xico preto continúa mesmo *marca disgraça*.

Para *embrulho* ou *limpa az*—ainda póde ter algum valor ; porém para outra cousa—*nichs*.

Segundo a opinião justa e apreciavel do *delegado* Libera, o que o *zabumba* tem de melhor é aquelle *artigo de fundo* que tem titulo—*para matar o tempo*,—que é da *redacção de thesoura* do Pedro *promotor*.

E o Libera tem razão.

§

Aposto todas as 20 cabeças de meus dêdos como os leitores não advinham —quem são os dous negociantes de grosso trato, que vendem mais n'esta terra.

—É o Confucio e o Augusto Pereira, por que são os *pontos* da rapazeada.

—Quaes !

—Então é o Albano e o Gerson ou o Boris e o Benoit.

—Peior um *peuc*...

Os negociantes que mais vendem, são —o João Barbadinho e o *deputado bodegueiro* Arraz ! .

O primeiro, só no mez passado, vendeu garrafa e meia de *mel de mosquito* ; e o segundo—uma *barrica de cuspo* e meia arrouba de *cêra de ouvido*

Axi pirôza !. . . .

§

Segundo consta-me, o *gato de occulos* ou *Polia* pretende brevemente pôr-se ao *fresco* e nos deixar *saudoso* de seu *todo sympathico*.

Dizem até que elle pretende completar o seu carregamento de *couros* com o *coirão* da Rozita, que dá para um famoso *surrão*

Adeus, *mistre Polia*. Leve o seu *fardo*, porém lembre sempre do *Piausinho* que anda *tirando sipó*

Por causa das duvidas.

§

O Felino do Passeio continúa maravilhosamente bem, com relação ao seu zelo pelo embellezamento d'este logradouro.

Aquillo está um *jardim* mesmo muito caxorro.

Mongubeira ali é *cama de gato*.

Este Sr. Felino é mesmo cousa muito *bôa !*

§

O povinho do *Corgo* ficou assim meio *arruaes* com o *Beliga* passado, porque este andou com certas *graçinhas* com elle.

Não acho razão para tanto, pois o *Beliga* não disse *cousa de mais* : fallou em amores, *apenas*, o que não quer dizer nada e nem é cousa do outro mundo ou bixo de *sete cabeças*.

Quem não *ama* não vem de boa gente. . . . *Fess com batata*

Ataca, Felippe!

Por causa da *hypocrisia da rua*.

§

Seu Clemente sem *clemencia*, veja se deixa de ser menos besta e menos pedante.

Este *gringo*, leitores, quando acha-se em qualquer parte, onde ha *chinfrim*, é o typo mais *apresentado* da sala.

Todo de *pastinha*, todo *ensebitado* e *cheirento*, todo assim fazendo um *riso* meio *cynico*, o *paraguayo* quer ser *trunpho*.

A pobre moça que tem a infelicidade de dançar com tal *gringo* fica doente por mais de 2 semanas, tão abrutalhado é o bixo.

Aboletou-se em uma casa da rua 24 do mez *presente* e está massando a uma pobre e infeliz menina.

Até mais logo, seu *gringo*.

§

Afinal não morreu o pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, que tantos bem teve feito á humanidade.

Ainda bem!

Assim mesmo inda teve suas *missinhas*, embora em annuncios.

Tambem não faz mal: o que não *mata — engorda*.

Lá isto é.

§

E assim, leitores, vou concluir a festa mesmo porque assim é preciso, necessario e sou obrigado.

O Bispo.

GALERIA DO PAVÃO.

MOTTE.

Viva a Patria e viva Deus!
Viva até o Zé Leoterio!!

Viva Deus e Patria!
(Zé Lhôtêro.)

GLOZA.

Vivam christão e judeus,
Viva eu, morra o diabo,
Viva tudo que tem rabo,
— Viva a Patria e viva Deus!
Vivam os anjos dos ceus,
Viva o moléque e o sério,
O Pedro de nosso Imperio,
A rapoza e o macaco,
Viva quem toma tabaco,
— Viva até o Zé Leoterio!!

Fra Diavolo.

A PEDIDO.

O JUDAS DO CLERO CEARENSE

Venho hoje sómente concluir o artigo ultimo, que para melhor ser analisado deixei de publicar integralmente.

Eis a conclusão: — No dia seguinte ao que a irmãn de caridade interrogou ao Sr. padre Libe rato Cacête, sobre o escandalo por elle praticado no confessionario da Santa Caza de Mizericordia, o maroto tomado de despeito, inda teve a audacia de dirigir se áquella penitente, e censurando-a por ter ella revelado a irmãn de caridade o acto profano por elle praticado, convidou a novamente ao confessionario!

A mulher renunciou o convite do Sr. padre Libe-rato; não só por estár confessada, como porque, não via neste padre senão — um vilão hypocrita, o germem da perversidade e um Satanaz introduzido no seio da Egreja Catholica.

Esta mulher inda vive e reside nesta capital.

Espere, o Sr. padre Libe-rato, que approxima-se o dia em que hei de arrancar-lhe a mascara. *(Continúa.)*

TRIOLETS.

(A' Xico Carneiro.)

I

O *mulatinho* Carneiro
Anda empolando de rico;
Mas, coitado é um *bar-rico*,
O *mulatinho* Carneiro!
Tão igual a tal *sendeiro*
Não conheço outro *xico!*
O *mulatinho* Carneiro
Anda empolando de rico!

II

Em Palacio déo *patada*,
Este mano de *Zabê!*
E por ser quem mesmo é,
Em Palacio deu *patada!*
Com cara *puti-safada*,
Foi ali soltar seu — *beê!*
Em Palacio deu *patada*,
Este mano de *Zabê!*

III

Não tem vergonha na *fuça*
Este *xicôte* Carneiro!
Por *cheirar* a *captiveiro*
Não tem vergonha na *fuça!*
Por ser bêsta agora *tussa*,
Seu *ricasso* de *chiqueiro!*
Não tem vergonha na *fuça*
Este *xicôte* Carneiro!

IV

Vou fazer *ponto final*,
Por hoje, charos leitores!
P'ra poupar-vos dissabores,
Vou fazer *ponto final!*
Deste patife e jogral
Ha panno p'ra cobertores!
Vou fazer *ponto final*,
Por hoje, charos leitores!

(Continúa á galope.)

VARIEDADE.

A MULHER E O BOND

Mulher sempre penteada,
Com banhas, oleos e cheiros,
E' bond sempre pintado,
P'ra agradar os passageiros.

A mulher que nos cabellos,
Põe canudos, almofadas,
E' bond que traz cortinas,
Nas carreias enroladas.

Mulher que traz no vestido
De fitas, longo destroço,
E' bond embandeirado,
Indo p'ra festa do Poço.

A mulher, que por vaidade,
O pince-néz não dispensa,
E' bond, que de — *completo*,
Traz a taboleta appensa.

A moça, que sáe á rua,
Sem cavalheiro a seu lado,
E' bond, que á redea solta,
O conductor tem deixado.

Moça solteira, ou viuva,
A' janella o dia inteiro,
E' bond expresso, esperando,
Na estação, seu passageiro.

Viúva, que por ser moça,
Quer um novo casamento,
E' bond, que já deu prêgo,
Por falta de um jumento.

A mulher, que todo o dia,
Ciúmes, causa ao marido,
E' bond aberto, correndo,
Sem que possa ser detido.

Mulher casada, que sabe
Comprehender o seu estado,
E' bond, que não balança,
Nos trilhos, sempre ajustado.

Moça assentada, trombuda,
Por ter-lhe a mãe dado uns murros,
E' bond parado apenas,
Emquanto passão-se os burros.

A viúva feia e velha,
Porém tendo bom dinheiro,
E' bond, embora estragado,
Qu'inda arrancha um passageiro.

A viúva feia e pobre,
De mais a mais tendo filhos,
E' bond que por seu pêzo,
Não ha quem ponha nos trilhos.

A mulher, que dia e noute,
Sempre só as ruas corta,
E' bond que os passageiros,
Vae buscar á propria porta.

A mulher da vida alegre,
Que móra sempre em sobrado,
E' bond para fidalgos,
De passagem a cruzado.

ESPALHAFATO.

Não ha sobrado sem frente,
Não ha cercado sem vara,
Bebedeira é *canguara*,
Mel distill. do aguardente;
Depois de alferes tenente,
Soldado novo é recruta,
Buraco no muro é gruta,
Não ha feio sem ter graça,
Vicio de negro é cachaça,
Mulher vaidosa é serpente.

Todo estudante traquina,
Todo fradêco é bandalho,
Burra de ferro é cascalho,
Casa cahida é ruina,
Pequeno monte e collina,
Malata sem brio é *couro*,
Homem que ronca é bisouro,
Bicho cascudo é tatú,
Quem traja lucto e urubú,
Moça pequena — é menina.

Quem namora é *amolador*,
Rapaz pedante é marmelo,
Não sei se devo dizel-o,
Homem casado é senhor . . .
Seja embora como for . . .
Cabra que berra faz *bee*. .
Todo cazuza é *José*,
Fumo torrado é tabaco,
Come banana o macaco,
Qualquer maluco é *doutor*.

Golpe com pata é patada,
Mau discurso é fl ilação,
Cinco dedos tem a mão,
Grande estrondo é trovoada;
Porção de bois é boiada,
Canna com méi e caximbo,
Sello de carta é carimbo,
Pouca comida é petisco,
Monturo na rua é cisco,
Gente ruim é cambada.

* * *

Ceará, rua da Palma 116 = Typ. *Americana* = Imp. por T. E. de Almeida.